
A NECESSIDADE DO ESTUDO DA HISTÓRIA

A NECESSIDADE DO ESTUDO DA HISTÓRIA

HISTÓRIA MILITAR

1. A história dos indivíduos, isoladamente encarados ou em sociedade, desenvolve-se num local geográfico e social, em um tempo definido, face a determinadas realidades materiais e não materiais que os influenciam e que por eles são influenciadas.

Muitas vezes os homens não têm consciência da sua posição no devir histórico; não se apercebem de que momento vivem, das forças que os «comandam» nem da sua capacidade para com elas entrar em diálogo. Muitas vezes os homens limitam-se a passar...

O conjunto definido pelo «tempo histórico», o «local geográfico-social» e as «realidades materiais e não materiais envolventes» constitui o quadro, ou referencial (ambiente de referência) em que se desenrola a vida humana.

Cada momento tem o seu referencial próprio. Em cada período histórico poder-se-á divisar uma malha que o caracteriza. O homem, só ou em sociedade, reage face ao quadro que lhe é imposto, procura actuar sobre ele, moldá-lo e colocá-lo ao seu próprio serviço, satisfazendo as suas necessidades.

Desenvolvem-se permanentemente acções recíprocas no sentido do equilíbrio, nunca encontrado, entre o homem e o seu referencial.

Estes breves apontamentos chamam a atenção para alguns dos principais problemas históricos globais: quais os grandes referenciais que vão caracterizando o processo histórico? Como se modificam esses referenciais? Como é que os homens têm agido no seu interior?

2. O senso comum distingue dois objectivos gerais para o estudo da História. Um deles relaciona-se com a necessidade do homem complementar a sua curta experiência pessoal à custa da experiência de outros homens, com o propósito de melhor ser capaz de apreciar os factos que à sua volta se desenrolam e sobre eles actuar em conformidade com os fins que prossegue. O outro diz respeito ao entendimento profundo dos acontecimentos e da maneira como eles se sucedem no tempo, tendo em vista a compreensão correcta do momento em que se inserem e do sentido das transformações em curso.

Portanto, qualquer dos dois grandes objectivos da História se orienta para o presente e para o futuro. O passado não é mais, sob esta perspectiva, que um conjunto de factos cuja meditação auxilia a encarar o presente e a preparar o futuro.

Está claro que, logo aqui, surgem imensas dificuldades. Será possível olhar o passado com os olhos do presente? Que passado? Aquele que foi transmitido por alguém que com ele beneficiou ou o que foi narrado por quem se sentiu prejudicado? Será possível o estudo científico do passado, ou toda a especulação que sobre ele é feita parte de premissas erradas, consequência da preparação cultural, estrato social e interesses pessoais de quem especula, caindo-se numa elaboração de pseudo-realidades e mitos? A despeito destas dificuldades, está fora de dúvida o interesse da História e parecem correctos os dois objectivos indicados pelo senso comum para o seu estudo.

Poderemos afirmar que o estudo da História tem por finalidade o presente e o futuro. A sua metodologia orientar-se-á na busca da definição dos referenciais que precederam o momento actual, na análise da forma e das causas de transformação desses referenciais, e na pesquisa das interações dos homens e dos grupos de homens com os referenciais que os enquadraram.

3. Homens concretos, que viveram épocas concretas, envolvidos em referenciais concretos com os quais concretamente dialogaram, tentaram explicar o devir histórico, formulando teorias ou antiteorias que fossem, em sua opinião, reveladoras da globalidade do processo histórico. É o tão discutido campo da filosofia da História onde, de modo geral, todos os pensadores mais cedo ou mais tarde mergulharam. O aprofundar da explicação histórica procura responder a perguntas como estas: Há um motor da História; qual? Há um sentido na História? Será o progresso inerente à própria História? Há causalidade nos factos históricos? Qual o fim da História?

«O que os projectos habitualmente designados por «filosofia da História» têm muitas vezes de comum é o propósito de oferecer uma exposição completa do processo histórico de forma a poder ver-se que «faz sentido». Todavia, a noção de «dar sentido» ao passado é, ela própria, obscura e susceptível de uma série de interpretações diferentes. Usando uma distinção óbvia, podemos dizer que uma coisa é supor que a História tem um significado no sentido em que tudo o que aconteceu ou vai acontecer foi (ou é) preordenado ou «intencionado» por qualquer «mão oculta» seja ela a da Providência ou a da «astúcia da Razão» de Hegel; e outra coisa bem diferente é sugerir apenas que o seu curso até à actualidade manifestou uma tendência em dada direcção e (talvez) profetizar, com base nesta tendência observada, o que será o seu futuro desenvolvimento; e é ainda outra coisa pretender que os acontecimentos históricos se ajustem a leis causais particulares, em função das quais se podem explicar as ocorrências pretéritas e prever as modificações futuras» (1).

Normalmente as teorias da História mostram-se aliciantes para quem, sem um profundo conhecimento cultural, as aborda; revelam-se como que

(1) Patrick Gardiner, *Teoria da História*, Ed. Gulbenkian.

a «chave mágica» que tudo explica e tudo justifica; chegam a adquirir o carácter sacro e a força de uma religião.

É prudente entrar em contacto com a filosofia da História tendo sempre presente o perigo da «verdade dogmática», da «lei revelada». Muitas vezes «confunde-se um factor (entre muitos outros) com o factor único, e a experiência particular (num determinado momento) com a regra definitiva».

4. A guerra é um facto histórico. É um facto histórico permanente e sempre presente mesmo quando ausente.

Pode haver várias explicações possíveis para que as guerras se desencadeiem, mas a verdade é que ninguém duvida que a história da humanidade pulsa com a guerra e com a paz; a própria palavra paz só tem significado em contraposição a guerra. Paz e guerra são duas faces de uma mesma moeda — a História. São os dois contrários de uma mesma realidade: a vida do Homem.

Em todas as épocas vemos homens imporem a sua vontade a outros homens pela violência. Isto é a guerra. A guerra tem por objectivo a paz, ou seja conseguir uma situação de paz mais vantajosa do que a situação à partida.

Haverá civilizações em que a paz tenha como objectivo a guerra?

5. A guerra faz-se para alcançar determinados objectivos e com determinados meios. Os objectivos e os meios a utilizar para os alcançar são definidos pelo poder político.

Na guerra há objectivos a atingir utilizando meios que, para isso, tenham capacidade. Os objectivos militares na guerra e as forças que deles serão encarregadas são designados pelo chefe militar.

Entre objectivos e meios há uma íntima relação de dependência. Para alcançar certos objectivos são necessários determinados meios; a disponibilidade de certos meios influencia os tipos de objectivos a conquistar. Por outro lado, a acção militar terá que corresponder à acção política e esta, quando se define, terá que ter em consideração as possibilidades militares.

Daqui surgem dois grandes problemas históricos, tendo em vista a guerra: correspondência meios-objectivos num dado nível (político ou militar); interdependência objectivos-objectivos de nível para nível (político-militar).

6. Os meios usados na guerra são humanos e materiais: homens e utensílios (máquinas, instrumentos, armas). Nem só homens, nem só instrumentos, mas instrumentos utilizados por homens; pode afirmar-se que a primeira arma é o primeiro utensílio.

O grau instrumental da guerra — a técnica — é um aspecto considerável no cômputo e ordenação dos meios. Coloca problemas de qualidade e quantidade, de custos e de prazos.

Assim, a técnica influencia a guerra; também a guerra exerce impacto no progresso técnico.

A forma como a técnica é utilizada ou desenvolvida é outro problema histórico tendo em vista a guerra.

7. A maneira mais ou menos rendosa como se utilizam os meios traduz-se no estabelecimento de metodologias de emprego, sistematizadas em doutrinas táticas, estratégicas e logísticas.

A tática busca o maior rendimento dos utensílios no combate. A estratégia procura obter esse rendimento na batalha e na conquista dos objectivos políticos. A logística prossegue a alimentação da guerra.

8. O conjunto dos meios caracterizados por determinado grau de evolução técnica terão que se organizar, no sentido de ser possível desenvolver os esquemas preconizados pelas doutrinas táticas, estratégicas e logísticas formuladas.

Muitas vezes as formas organizacionais encontradas não são as mais adequadas ao rendimento máximo na prossecução dos objectivos.

Há portanto um problema de Organização tendo em vista a guerra: organização para a defesa nacional, orientada para os objectivos finais a atingir; organização militar, tendo em atenção os objectivos militares a conquistar.

A maneira como, em cada época, é resolvida a questão organização, os erros cometidos e as suas causas, é outro importante problema histórico a considerar no estudo da guerra.

9. Mas a vida desenrola-se não no abstracto, mas no concreto. A influência dos ambientes em todo o desenlace bélico é assunto de grande importância histórica. Tanto do ambiente material como do ambiente social e ideológico.

Se o meio geográfico vai sendo humanizado através da técnica (não se limitando a influenciá-la), oferece o quadro que pode funcionar como travão ou acelerador às operações (militares e outras), obrigando mesmo a processos de actuação específicos e a métodos de emprego dos meios mais ou menos heterodoxos, face às ideias globalmente prevalentes. Relevo, população (qualidade e quantidade), clima, grau de humanização, entre outros, são factores a considerar.

As relações da guerra com o tecido social — como as contradições sociais conduzem à guerra ou qual o impacto da guerra na estrutura social — é aspecto condicionante do próprio processo histórico, quer como reflexo da origem do poder político e da sua estrutura, quer como resultado das relações de todo o tipo incluindo as económicas, entre quem detém as armas e quem determina o seu uso.

O sistema de relações internacionais em vigor; as situações de dependência e as trocas comerciais; os aspectos económicos gerais e a consciência das posições de injustiça; as ideologias predominantes e as crenças; as forças morais e as personalidades; o dinamismo ou conservantismo dos homens, em especial dos chefes; todos estes aspectos são factores de não menor importância a ter em consideração no estudo histórico da guerra.

10. A visão histórica geral, de um país ou de toda a Humanidade, conduz normalmente à tentação das sínteses.

O estudo da história da guerra traz inevitavelmente às mesmas consequências.

E então surgem os princípios da guerra, as concepções da guerra, a guerra como motor da história, a guerra como princípio do mal, a guerra como mal necessário, etc.

O perigo não está nas sínteses que devem ser procuradas. O perigo está nas elaborações mentais errôneas que a experiência demonstra serem tão frequentes.

Chamamos a atenção para um excerto de Eric Muraise (*Introduction à l'histoire militaire*) que serve para nos pôr de sobreaviso:

«A confrontação das doutrinas não só põe em evidência os princípios permanentes, mas também constantes origens de erro. Teóricos e práticos militares caem nas mesmas asneiras, seja por falta de cultura, seja como consequência de três categorias racionais:

- O espírito geométrico (ou de sistema): provoca evoluções aberrantes a partir de premissas certas.
- O espírito analógico: provoca transposições ilegítimas entre domínios de qualidade diferente.
- O espírito de adequação: as suas insuficiências explicam certos hiatos entre doutrinas e meios.»

Anexo: Papel da História Militar na Formação dos Oficiais

PAPEL DA HISTÓRIA MILITAR NA FORMAÇÃO DOS OFICIAIS

(Tradução da obra «Introdução à História Militar», por Eric Muraise)

A formação de um oficial repousa essencialmente sobre duas bases, uma moral, a outra técnica.

A marca moral é um factor de coesão. Reforça a vocação e fundamenta aquele espírito militar que põe na boca de Psichari: «Nós não somos senão um meio para o País, mas somos um fim para nós próprios e para os outros. Isto é importante para toda a gente... Para nós o nosso papel é manter um ideal militar, não nacionalmente militar, mas militarmente militar!»

O desenvolvimento técnico é um factor de divergência. O exército tem necessidade de uma grande variedade de táticos, de organizadores, de administradores, de práticos e de sábios. Quanto mais se diversifica, menos oportunidade há para a polivalência. Desde a entrada na Academia até à passagem à reserva, um oficial é obrigado a sucessivas opções.

A única disciplina que, permanentemente, contribui simultaneamente para transmitir a marca moral como para manter um factor comum no desenvolvimento técnico é a História Militar. Permite aprender a sentir e pensar como soldado, dominando quer a variedade das técnicas quer a rigidez dos regulamentos.

A desconfiança e o desprezo relativamente à História Militar devem-se a duas causas intimamente ligadas:

- a ignorância da evolução das teorias interpretativas da História Geral;
- o desconhecimento das possibilidades e dos limites da História Militar.

Antes de abordar estes pontos, não é inútil utilizar argumentos com autoridade. Os mais calorosos defensores da cultura pela História foram todos grandes capitães e nunca esconderam o que deviam ao seu estudo.

Entre os Russos, isso começa com Suvoroff, que será o primeiro a exigir dos seus quadros, além das qualidades morais e viris, uma ciência que ultrapasse os regulamentos: «Eu não sei» causa muitos males... Tática sem História Militar — Trevas... «Eu estou acima de todos os regulamentos». A revolução marxista não fez senão reforçar estas tendências, porque, segundo Lênine, os conhecimentos militares «são os utensílios de que se servem as classes e os povos para a resolução dos grandes problemas históricos». Durante o último conflito mundial encontra-se na sombra de Estaline um historiador militar proveniente do antigo exército imperial: Chapochnikov. É ele que será de facto o generalíssimo dos exércitos soviéticos e é graças à sua influência que os oficiais terão pela História Militar um verdadeiro culto.

Na Alemanha, a História Militar é uma base de formação desde Frederico II, que lhe pede uma «experiência amadurecida, uma tomada de consciência da conexão que as coisas presentes têm com o passado... um aperfeiçoamento pelas comparações». Moltke perfilha a mesma opinião e esta convicção levou o Alto Comando Alemão a conduzir os trabalhos da sua Secção Histórica segundo um plano sempre nítido e utilitário cujos frutos alimentavam os estagiários da Escola de Guerra durante três anos, seis horas por semana.

Os franceses fizeram sentir a sua autoridade na Europa durante a primeira metade do século XVIII com o cavaleiro de Folard, o Marechal de Saxe e o conde de Guibert. A formação militar de Bonaparte tem por base as suas obras, porque, até ao cerco de Toulon, passa três quartas partes do seu tempo de férias. Mas a obra de Guibert acompanha o General Comandante do exército da Itália e Bonaparte não esconde o que deve aos seus livros: «A tática, as evoluções, a ciência do engenho e do artilheiro podem aprender-se nos tratados, quase como a geometria, dirá ele, mas o conhecimento dos jogos mais elevados da guerra só se adquirem com a experiência e o estudo da História das guerras e das batalhas dos grandes capitães... Relede a história das suas oitenta e oito campanhas, modelai-vos sobre elas, é o único meio de vos tornardes um grande capitão.»

Ninguém melhor de que o Marechal Foch situou com maior exactidão a proporção da experiência e do estudo histórico na formação de um oficial.

«Os regulamentos, escreve ele, são bons para conduzir um exercício mas, no momento de perigo, é preciso outra coisa. A coragem material, física, do soldado não tem nada a ver com a coragem moral que deve ter o chefe. *Esta coragem é baseada no que ele sabe.* É preciso saber para a

possuir e para isso é necessário trabalhar. Senão, podemos iludir-nos momentaneamente, mas à primeira dificuldade esvanecemos-nos: deixamos de ser alguém. Para trabalhar não basta estudar os regulamentos. Não se trata de mandar fazer meia volta volver. *É preciso aprender a pensar.* Os regulamentos são burros-guias que favorecem a preguiça mental.»

Dizendo isto, Foch não deixa de reservar para a arte militar as suas características pragmáticas e ao seu pensamento aflora constantemente este tema: «Os acontecimentos dominam os raciocínios. A estratégia não passa de um negócio de carácter e bom senso... Contra os factos nada há a fazer... Na guerra, tudo se encadeia, se comanda, se interpenetra, e não se faz o que se quer. Cada operação tem a sua razão de ser, isto é, uma finalidade. Esta finalidade uma vez determinada fixa o valor dos meios e põe em acção o emprego a fazer das forças. Esta finalidade, em cada caso, é a resposta à famosa questão que Verdy de Vernois põe a si próprio quando chegou ao campo de batalha de Nachod. Face às dificuldades que se lhe apresentavam, bateu na cabeça procurando um exemplo ou um ensinamento que lhe pudesse fornecer uma linha de conduta. Nada o inspirava: Para o diabo, disse ele, a história e os seus princípios! Antes de tudo, de que se trata? E imediatamente o seu espírito acordou. Eis a maneira objectiva de tratar um assunto.»

Este famoso «para o diabo a história» conduz-nos directamente a ela, pela simples razão de que a imaginação criadora trabalha sobre um passado adquirido que está no subconsciente, e Foch concorda respondendo ao: De que se trata?

«O que é preciso é, no meio dos casos particulares, reconhecer a situação tal como ela se apresenta, envolvida pelas brumas do desconhecido. É apreciar somente o que se vê, adivinhar o que se não vê, tomar uma decisão, e em seguida agir vigorosamente sem tergiversar. É ainda preciso ter em conta dois elementos, um conhecido — a vontade própria — o outro desconhecido — a vontade do adversário; juntar-lhe todos os outros factores de outra natureza, que se furtam a todas as previsões: temperatura, doenças, acidentes de caminho de ferro, mal-entendidos, erros, enfim, todos os elementos que o homem não cria nem comanda; sejam eles sorte, fatalidade ou providenciais. É claro que os conhecimentos teóricos não bastam para isso. É necessário o desenvolvimento livre, artístico, prático, das qualidades de espírito e do carácter, baseado numa cultura militar adquirida e guiada pela experiência, seja a que se tira da história militar, seja a que se possa obter durante a própria existência.»

Em resumo, é preciso aprender a pensar pela História.

Hanotaux perguntava um dia a Foch: «Quando vos encontrais numa dessas horas em que tendes de decidir, há alguma coisa dos vossos longos estudos que vos ajude a resolver os problemas?» «De modo algum! — responde o Marechal —, mas isso dá-me confiança.» Isto sublinha bem a característica activa subconsciente da História.

O desprezo com que muitos oficiais de valor tratam a História deve-se não somente ao facto de ignorarem o que ela lhes pode ser útil, mas ainda

à carga da sua experiência militar. Eles evocarão o caso dos quadros da Revolução Francesa ou mesmo Joana D'Arc para argumentar que são vãos os estudos teóricos comparados com o bom senso e a experiência prática. Eles esquecem um facto capital: em certos «nós históricos» de mutação, os conhecimentos adquiridos parecem bruscamente ultrapassados e os que menos sabem são por vezes os que melhor sobrevivem, porque se encontram libertos do peso das tradições. Isso não exclui o valor de um outro princípio: «Ter vivido factos de guerra não conduz à aquisição de experiência da guerra senão depois de meditação. Os factos vividos não são mais do que imagens, e a experiência constrói-se ordenando-as.» Por esta razão é que Von Metzsch, inspector da instrução da Reichswehr em 1924, mandava estagiar oficiais que tinham vivido anos de duras campanhas dizendo-lhes: «Deixai-me rir com a vossa experiência de guerra; vós julgais ter experiência, mas apenas possuis a recordação de factos vividos...» O contraste factos vividos-experiência meditada explica ainda porque é tão difícil fazer a guerra e, ao mesmo tempo, pensar nela.

Aprender a pensar com a História é um programa desencorajante quando se tem presente a fraqueza da bagagem adquirida em Saint-Cyr, a terrível concorrência das obrigações profissionais do oficial e a preparação de estágios e cursos que não interessam senão pelo aspecto «regulamentos» da sua profissão.

Loureiro dos Santos
Major de Artilharia C/CCEM
Professor do Instituto
de Altos Estudos Militares